

tor. Numa maior proximidade ao ritual religioso, temos o caso de um homossexual com sida que reúne em casa amigos e amigas em torno de uma última cerimónia religiosa com Comunhão (a confissão cristã não é identificada). Para além disto, de vez em quando, encontramos ao longo do livro expressões que remetem para uma relação com Deus, afirmando, por exemplo, uma das pessoas que a dedicação das voluntárias de *Compassion* a tinha feito voltar a acreditar na divindade. Por outro lado, perpassa pelo livro a ideia de que cuidar dos que estão para morrer corresponde a uma espécie de 'chamamento' ou vocação, linguagem que parece remeter para o domínio do religioso.

No fundo, qual a grande diferença entre muitas destas narrativas de fim-de-vida e as mais comovedoras que Marie de Hennezel nos comunicou, em ambiente de cuidados paliativos? Aparentemente, há a mesma paz, a mesma boa aceitação da morte, a mesma comoção. O problema continua a ser o controlo e os valores e convicções pessoais: uns só se sentem em paz se souberem que têm uma porta de escape ao seu dispor quando quiserem e necessitarem; outros são capazes de ir aceitando a degradação do corpo, rodeados de um bom ambiente e tendo confiança bastante para pensar que nunca os deixarão sofrer muito. Mas, em França, de onde vêm os relatos de Hennezel, a 'morte assistida' está proibida (e a própria Hennezel opõe-se à sua despenalização). Se essa hipótese fosse legal, as decisões de algumas das pessoas de quem fala não se alterariam? Se, em França, as pessoas que estão em cuidados paliativos não se conformam com a sua situação, qual a alternativa? E em Portugal, onde até os serviços de cuidados paliativos escasseiam?

Este é um livro que mostra, com saciedade, uma ideia fortemente defendida pelo reputado médico americano Timothy E. Quill: 'As pessoas doentes que escolhem esta opção [morte medicamente assistida] não estão necessariamente deprimidas, mas podem estar a actuar a partir de uma necessidade de auto-preservação, para evitarem ser destruídas fisicamente e privadas de sentido existencial pela sua doença e morte próxima'. ('Introduction: False Dichotomy versus Genuine Choice'. In *Physician-Assisted Suicide: The Case for Palliative Care & Patient Choice*. Organizado por Timothy Quill e Margaret Battin Baltimore e London: The John

Hopkins University Press, 2004, p.2).

Quando é que Portugal manifestará vontade de enfrentar as questões de fim-de-vida é algo que não se pode prever. O que se põe assim de lado com essa postura? Tudo que tem que ver com a necessidade de um maior controlo da dor; com uma regulamentação efectiva dos direitos das pessoas doentes; com as directivas antecipadas; com qualquer forma de 'morte assistida'; com o acompanhamento das pessoas doentes. Segundo parece, perda mínima para muitos dos/as cidadãos/ãs deste país.

**Laura Santos**

*Instituto de Educação e Psicologia da  
Universidade do Minho*

**R. D. Hinshelwood. 2004. *Suffering Insanity: Psychoanalytic Essays on Psychosis*. Hove: Brunner-Routledge. 187 pp. ISBN 1-58391-893-0.**

A obra que ora aqui se apresenta, versa uma temática clássica entre as disciplinas que desde sempre se dedicaram ao estudo e compreensão da mente humana em sofrimento.

Hinshelwood, professor de psicanálise no Centre for Psychoanalytic Studies, University of Essex e membro da British Psychoanalytical Society, debruça-se de forma extraordinária sobre a complexa dimensão da patologia psicótica da mente, não somente no sentido da reflexão e entendimento do paciente que desta patologia sofre, mas explorando e abrindo um campo essencial de pensamento sobre os serviços psiquiátricos e respectivos profissionais que do paciente psicótico se propõem cuidar.

E é aqui que reside grandemente a relevância desta obra, que sem dúvida se assume enquanto um poderosíssimo argumento a ser levado em conta no sistema de cuidados psiquiátricos. Não serão somente os pacientes que necessitam de ser atendidos nas suas especiais necessidades. As equipas de profissionais de saúde não poderão deixar de merecer cuidada atenção, posto que será deles que reside sobremaneira uma boa parte da qualidade e eficácia das intervenções e tratamentos de natureza psiquiátrica.

A instituição psiquiátrica não é de todo isenta de pré concepções que tantas vezes exaltam o receio face a uma patologia exube-

rante, de difícil acesso e compreensão. O impacto da loucura nos contextos familiar, social, íntimo do paciente, mas também nas pessoas que providenciam os cuidados de saúde mental, encontra-se nesta obra explicado e criticamente reflectido sob forma exemplar e única.

Assim, são-nos apresentados três ensaios estruturais, sendo que o primeiro explora fundamentalmente como a patologia psicótica pode de facto afectar psicologicamente a equipa cuidadora, seja no que respeita à sua própria dimensão pessoal e relacional, como na qualidade da sua intervenção e capacidade de suporte. Bob Hinshelwood conduz-nos numa viagem ao dentro e fora do sujeito que trabalha e lida com o distúrbio mental severo, ilustrando com uma clareza admirável como as questões de ordem contratransferencial do individual e grupal desempenham um papel fulcral na qualidade do serviço prestado. A específica organização, estrutura e operacionalidade dos serviços psiquiátricos não têm como não espelhar a determinância destas variáveis.

O segundo ensaio atende a uma revisão sistemática da natureza da psicose, à sua experienciação deveras intolerável e que assim compele o sujeito para a via da evasão, remetendo-nos o autor subsequentemente para o inevitável confronto desta realidade por parte do profissional de saúde.

Por fim, a terceira e última parte, faz-nos retornar ao impacto da psicose nos serviços e equipas de saúde mental, sublinhando com particularidade os factores de natureza inconsciente enquanto comuns “organizadores” do sistema de cuidados.

A contribuição que o autor nos oferece sobre esta temática é sem dúvida substancial, sendo que de uma maneira sofisticada nos proporciona uma ferramenta privilegiada para apuramento e refinamento das metodologias de intervenção e cuidados psiquiátricos, começando precisamente pela cuidada atenção que deve ser dirigida aos profissionais, como garante de um melhor e mais eficaz serviço e atendimento a quem padece de indizíveis doses de dor mental.

Seguramente um livro altamente recomendável enquanto guião e inspiração para a prática clínica em pacientes severamente perturbados.

**Sandra Oliveira**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Daniel Gilbert. 2007. *Tropeçar na Felicidade*. Título original: *Stumbling on Happiness*. Nova Iorque: Knopf. 2006. Tradução: José Pedro Barreto. Lisboa: Estrela Polar. 326 pp. ISBN: 978-972-8929-68-8.**

O livro *Stumbling on Happiness* de Daniel Gilbert, publicado nos Estados Unidos e Canadá em 2006 e, entre nós, em 2007, foi já traduzido em 20 línguas e rapidamente conheceu o estatuto internacional de bestseller, valendo ao seu autor o prestigiado prémio da Royal Society Prizes para livros de ciência. A juntar a este, outros prémios foram atribuídos a Gilbert pelo seu ensino e investigação, entre os quais o prémio de Distinção Científica por Contribuição de Início de Carreira para a Psicologia, conferido pela American Psychological Association. Daniel Gilbert, americano, psicólogo social de formação, é actualmente professor de Psicologia na Universidade de Harvard e conhecido pelo investigador da ‘felicidade’. Clarificando, é considerado a autoridade máxima no estudo da ‘previsão afectiva’, isto é, da capacidade de o indivíduo prever os seus estados emocionais futuros. Nas palavras do autor, ‘quando prevemos quão felizes ou infelizes vamos ficar se nos acontecer isto ou aquilo, falhamos quase sempre a previsão: os momentos previsivelmente muito felizes acabam por não o ser assim tanto, e aquilo que recebíamos ser um futuro sinistro nem sempre nos faz ficar tão infelizes como antevimos’ (p.25). Devido a erros de processamento lógico cometidos pelo cérebro, não só somos incapazes de saber com eficiência o que torna os outros felizes (o que, aparentemente, é mais aceitável, dado tratar-se de um estado emocional subjectivo), como também falhamos quando imaginamos o que nos torna a nós próprios felizes.

O problema da felicidade humana é antigo e tem estado sempre presente desde o início da psicologia, desempenhando um papel central nas teorias psicológicas sobre o comportamento humano. Inovadora é, então, a forma como o tema é desenvolvido nesta obra e sustentado pelo saber empírico, onde estudos experimentais são meticulosamente elaborados e o recurso a diversos saberes é contemplado.

O livro, escrito com grande sentido de humor e numa linguagem coloquial e acessível, vai colocando diversas questões acerca da mente humana, juntando factos e teorias